

O modo de vida das populações originárias do(s) cerrado(s) baianos

Valney Dias Rigonato,

da Universidade Federal do Oeste da Bahia - Barreiras (BA) – Brasil

rigonatogeo@gmail.com

Resumo: O artigo é uma reflexão realizada a partir da ciência geográfica que objetiva discutir a categoria modo de vida ao longo do pensamento geográfico, principalmente brasileiro. Além disso, discute o conceito de população originárias de forma contextualizada diante das territorialidades nas áreas do(s) cerrado(s) baiano. Pontua alguns elementos identitários dessas populações as quais vivem e sobrevivem em sua maioria nas franjas paisagísticas do(s) cerrado(s) e estabelecem os seus modos de vida mistos, sobrepostos e justapostos com as territorialidades da economia globalizada.

Palavras chaves: modo de vida, cerrado, populações originárias.

Introdução

A categoria modo de vida na ciência geográfica contemporânea ganhou força com as novas matrizes epistemológicas. Atualmente, as pesquisas que o utilizam enquanto categoria analítica, o valoriza enquanto lócus do “lugar-mundo” cuja suas manifestações são reveladas nas paisagens rurais e urbanas.

Nesta abordagem o(s) modo(s) de vida é considerado dinâmico e versátil, uma vez que o(s) mesmo(s) contempla(m) tanto as especificidades espaciais e socioculturais do lugar como as vicissitudes do global. Mesmo com sua importância para estudar os grupos sociais rurais e urbanos as pesquisas ainda são poucas se compararmos com outras categorias de análise da Geografia contemporânea. Entretanto, há autores importantes os quais contribuem de forma significativa sobre o modo de vida.

No âmbito dos clássicos pode-se frisar La Blache (1954), Max Sorre (1952), Max Derruau (1964), Lacascade (1984). Cabe aqui frisar que outrora no pensamento geográfico discutia-se o gênero de vida e recentemente passou a ser adjetivado como *modo de vida*. Além desses, destacam as pesquisas Armando Correia da Silva, (1991), Paul Claval (1997), Doralice Maia (2000; 2001), Ruy Moreira (2010) e outros.

Recentemente, há diversas pesquisas que buscam analisar os modos de vida no território brasileiro, tais como: Silva (2005, 2007); Mazzeto Silva (2009), Krone e Menasche (2010). Entretanto, ainda há lacunas metodológicas para analisar os modos de

vida na esfera da vida cotidiana das populações no meio ecológico do(s) Cerrado(s), enquanto locus privilegiado da construção do patrimônio econômico e cultural ao longo do tempo e no espaço geográfico brasileiro.

Em síntese, o(s) modo(s) de vida das populações originárias é repleto de experiências do homem e da mulher, com o seu meio ambiente. Tais experiências são abarrotadas de significados e significações. Conteúdo que pode ser aprendido na paisagem geográfica, mas que possuem territorialidades profundas e efêmeras no “lugar-mundo” de vivência dos grupos sociais urbanos e rurais.

De modo geral, então o(s) modo(s) de vida das populações originárias do(s) Cerrado(s) se estabelece no conjunto de fixos espaciais (a própria população, meio ecológico, patrimônio econômico e cultural) os quais são os sustentáculos espaciais para a gestão dos lugares de vivência. Para (Silva, 1991, p. 24) o modo de vida realiza-se como localização de um conjunto complexo de dados culturais e de relações humanas que definem um equilíbrio em processo. Daí a importância do lugar enquanto realidade social e natural da vivência do grupo e da consolidação do modo de vida, no caso aqui específico das populações originárias do(s) cerrado(s).

Afinal, quem são essas pessoas? De que maneiras eles vivem? Qual a ligação deles com o espaço geográfico? O que é o modo de vida? Como a ciência Geográfica vem teorizando essa categoria de análise? É possível pesquisá-los, estudá-los tanto no campo como urbano? Quais são os principais elementos identitários dessas populações originárias diante das novas territorialidades introduzidas a partir da modernização da agricultura? Tais reflexões requerem no mínimo uma conceituação, como se segue. Cabe aqui destacar também que esse texto é um esforço inicial para tentar dialogar com a categoria modo de vida a partir da matriz de pensamento da ciência geográfica.

O Modo de Vida na Ciência Geográfica Contemporânea

Os diálogos da Geografia com os gêneros de vida ou modos de vida iniciaram-se a partir da observação e da descrição das viagens.¹ Os viajantes europeus, em suas expedições se deparavam com costumes, hábitos, crenças, valores e folclore distintos, “exóticos”. As descrições dos tratados dos naturalistas, cartógrafos e topógrafos eram incorporadas aos estudos da Geografia. Essas descrições foram introduzidas e destacadas

¹ “Vale ressaltar que parte da confusão terminológica entre gênero de vida/modo de vida deve ser atribuída aos tradutores dos autores franceses para a língua portuguesa”, Maia (2000, p.128). Assim, procurei manter, nas citações, o termo utilizado pelos autores ou pelos tradutores para não transfigurar as respectivas contribuições, enquanto que, nas construções textuais, decidi prover, a partir da escolha de Maia, a terminologia modo de vida. Da mesma forma, quando estive nas permanências de campo perguntei às pessoas qual e/ou como é o seu modo de vida e, não qual é o seu gênero de vida

nos manuscritos geográficos desde o início do século XVIII até final do século XIX, no auge das grandes expedições e exploração científica no interior dos continentes da África, Ásia, América do Norte e América do Sul (Maia 1999).

No final deste período, o pensamento geográfico se institucionalizava como ciência e, enfrentava fortes políticas de efervescência no campo teórico e metodológico. De um lado, pela influência das ciências naturais e do outro, pela necessidade da ciência geográfica constituir-se como ciência moderna.

A Geografia, neste momento, apresenta-se incipiente em suas análises, como afirma Gomes:

As narrativas de viagem contêm longos desenvolvimentos sobre os modos, os costumes, as crenças, dos povos, mas o quadro no qual eles evoluem é freqüentemente passado em silêncio (...). (GOMES, 2000, p. 150).

Para a sistematização da Geografia, foi indispensável o aparecimento de métodos e de metodologias. Isso foi possível com a difusão do Iluminismo, o que permitiu à Geografia entrar no advento da modernidade. Mas a Geografia ganha vigor científico ao priorizar a observação, a descrição e a classificação, isto é, uma forma mais sistematizada de ciência e dos interesses científicos da modernidade desta época. Assim, as pesquisas geográficas mergulharam na vigilância, na mensuração e na delimitação dos objetos, regiões, áreas e grupos populacionais.

Contudo, no século XIX, houve uma verdadeira epidemia determinista nas ciências e, mormente na Geografia, conforme discute Gomes, (2000). Para essa Geografia, o meio natural determina a organização e o funcionamento do ser humano sobre a superfície terrestre. No entanto, houve estudiosos que permearam esta corrente de pensamento, tais como Élisée Reclus e La Blache, e que construíram caminhos teóricos e metodológicos diferentes do pensamento sobre o homem e o meio. O primeiro defendia seus pontos de vista sobre a necessidade da sociedade se adaptar intimamente ao meio e conforme suas exigências, isto é, “tenía que ser determinista” (CAPEL, 1981, p. 303). O segundo, postulou que as mudanças entre o homem e o meio estavam consubstanciadas na permanência – tempo – e nas singularidades e particularidades existentes nos elementos desta relação.

De acordo Capel (1981, p.298), paralelamente, houve também alguns sociólogos e, principalmente, Le Play que insistiram na importância da influência do lugar de residência sobre o delineamento das práticas, das formas de obtenção da subsistência dos grupos sociais, pastores, pescadores, agricultores, artesões, comerciantes e profissionais liberais.

Assim, incorporam-se novos elementos à concepção de meio na Geografia. O meio passa a ser visto como meio físico, ecológico, social, cultural, ou seja, todas as interações da sociedade. Essa interação entre homem e meio ressaltava a importância dos elementos socioculturais no realce do papel da cultura e das técnicas na conquista do meio pelos grupos de pessoas.

Conseqüentemente, no período que se estende de 1890 a 1940, há intensificação da Geografia Tradicional, a partir da qual, os geógrafos passaram a priorizar quatro temas vinculados às relações entre sociedade e natureza: a análise da técnica, os instrumentos de trabalho, a paisagem cultural e os gêneros de vida. Os três primeiros temas referem-se a elementos materiais da cultura, enquanto o último, aos aspectos não-materiais (Claval, 1995).

La Blache foi o precursor da Geografia Tradicional, tanto por ter vivido um momento de transição entre as leis das ciências naturais, quando pela necessidade da ciência geográfica se constituir como ciência moderna. Por sua vez, este geógrafo não se restringiu a descrever realidades, ele também criou categorias, noções gerais interligadas que constituem a própria base do seu discurso (Gomes, 2000).

A Geografia tradicional e os geógrafos inspirados nas sociedades primitivas lançaram uma categoria fundamental para o novo método geográfico, ou seja, noção do gênero de vida. Assim, passaram a negar a noção do “todo” difundida pelo determinismo e passaram a privilegiar alguns postulados, resumidos a seguir:

1-Nas relações entre o homem e o meio, o homem não é um mero elemento passivo; ele é sobretudo um agente e sua ação é tanto mais antiga quanto mais desenvolvida a técnica de que é portador. 2- Embora muitas vezes as condições naturais oferecidas sejam tão extremamente severas que o homem delas não se desembaraça inteiramente, os elementos do meio não são fatores aos quais a evolução das sociedades se submete inflexivelmente. 3- Dentre as condições oferecidas pelo meio, o homem escolhe as de maiores possibilidades para a sua sobrevivência e o seu desenvolvimento cultural; 4 - A noção de ‘meio geográfico’ não deve ser identificada (sinônimo) com ‘meio natural’: o homem transforma a superfície da Terra segundo a civilização e quanto mais evoluídas forem estas, mais importantes serão os elementos culturais que estruturam o meio; 5 - As condições históricas têm, então, um significado particular nas relações homem-meio, no seu desenvolvimento cultural e no seu papel como agente modificador da superfície da Terra (BERNADES, 1982, p.397).

Esta Geografia, desenvolvida pelo possibilismo e desenvolvida pela “escola vidaliana”, considera as leis estabelecidas entre o meio e o homem. Mas esse último torna-se ativo a partir do tempo de permanência e dos seus elementos culturais sobre o meio geográfico.

Neste contexto, a Geografia se insere através da identificação dos gêneros de vida no intuito de conhecer os elementos e as formas de adaptação e transformação dos seres

humanos sobre a superfície terrestre. Juntamente com essa abordagem, houve a intensificação dos estudos regionais, isto é, das regiões naturais que destacavam o clima, a hidrografia, o solo, a vegetação.² Dentro dessa perspectiva, La Blache, afirma que o objeto da Geografia centra-se entre o gênero de vida e a ação humana no espaço geográfico. Para ele, os modos de vida estruturavam-se entre os elos de analogias na esfera social de uma sociedade. Assim, este autor observa:

(...) estes grupos heterogêneos combinam-se numa organização social que a população de um país, considera do seu conjunto, faz um corpo. Acontece, por vezes, que cada um dos elementos que entram nesta composição adotou um modo de vida particular: uns caçadores; outros, agricultores; e ainda outros, pastores. Vemo-los, neste caso, cooperar, unidos uns aos outros, pela solidariedade de necessidades. (...). As associações humanas, do mesmo modo que as associações vegetais e animais, compõem-se de elementos diversos submetidos à influência do meio: não se sabe que ventos os trouxeram, nem donde, nem que época; mas coexistem numa mesma região que, pouco a pouco, os marcou com o seu cunho. Há sociedades incorporadas ao meio desde recuados tempos, mas há outras ainda em formação, aumentando e modificando-se dia a dia (1954, p. 39).

Com base na citação anterior, constata-se a força do conjunto de hábitos, das técnicas e do lugar na constituição dos gêneros de vida. Além disso, é percebido o destaque do papel do grupo humano ao poder criar, inventar, conquistar e de ser conquistado em relação aos elementos tirados da organização social e do ambiente. O autor (idem p. 172) ainda acrescenta que o modo de vida é a própria obra pessoal do ser humano em seu meio ambiente.³

Essa idéia foi objeto de várias críticas advindas de outros geógrafos devido a simplificação que o autor faz a respeito da ciência geográfica. A “escola vidaliana” foi acusada de empirista e construtora de conceitos “obstáculo” e de naturalizar as ações sociais, políticas e culturais. Concomitantemente, o conceito de gênero de vida que estava muito ligado ao conceito de região foi acusado de cristizador das ações, de estilos de vida, dos costumes numa porção do espaço terrestre.

No início do século XX, Max Sorre (1984) nos aponta uma nova guinada na análise dos modos de vida na Geografia a partir do artigo “*Noção de Gênero de Vida e sua Evolução*”, ao incorporar as possíveis interferências do desenvolvimento do modo de produção capitalista e, conseqüentemente, as novas dinâmicas espaciais, sociais e políticas. Para construção da nova noção de modo de vida, este autor toma emprestado o *princípio da criação*, da organização e da observação da escola vidaliana. Nas palavras dele “a

² Para Corrêa (1997, p.185) a região era (...) entendida como o resultado de um longo processo de transformação da paisagem natural em paisagem cultural, (...) constituindo um conjunto integrado de traços culturais que definem um Gênero de Vida.

³ Para Max Sorre são as “criações do gênio humano”, (1984, p. 100). Mas não desconsidera a pressão do meio físico e enfatiza a capacidade inventiva dos indivíduos e grupos no espaço geográfico.

escolha das plantas de cultura, os instrumentos, a maneira como os grãos são depositados na terra podem ser vistos como técnicas fundamentais em torno das quais se organiza todo o gênero de vida” (SORRE, 1984 p.101). Com esse entendimento, o autor acolhe declaradamente os elementos imateriais da cultura como auxílio na mensuração das metamorfoses desses elementos. Assim, Max Sorre mostra vários elementos socioculturais, pelos quais, os geógrafos poderiam se orientar para estudar a noção de “gênero de vida” da sociedade, na primeira metade do século XX. Os principais elementos indicados por Max Sorre são: o conjunto de técnicas, as representações, as crenças, os ritos de fecundidade, ritos da água e práticas de inseminação e outros para serem trilhados na detenção das imbricações e vicissitudes do modo de vida.

No entanto, o aprimoramento da noção do gênero de vida nas pesquisas geográficas apareceu mesmo a partir da substituição do meio físico pelo “complexo geográfico, econômico e social” nos modos de vida. (SORRE, 1984, p. 120).

Diante deste complexo geográfico, o autor enfatiza a perda de dois aspectos principais na caracterização da noção de gênero de vida, principalmente, os interligados ao mundo rural: “*autonomia*” e a “*estabilidade*”. Estes estariam impossibilitados pela homogeneização dos ritmos de vida, das formas de fazer e das maneiras de trabalhar do mundo capitalista. A uniformização é requerida pela sociedade e pelas novas virtuosidades do modo de produção capitalista (SORRE, op. cit.). Nesse sentido, esses princípios seriam mais fluidos frente à dinâmica da sociedade nos espaços rurais e urbanos do mundo moderno. Depreende-se, sobretudo, neste momento, uma nova concepção, o de “gênero de vida mistos” diante da heterogeneidade do espaço habitado.

Para Sorre (1984, p. 122), “os gêneros de vida baseados na exploração do solo, profundamente arraigados, comportam tipos variados de *habitat* que correspondem às suas exigências”. Ao propor o acréscimo do “habitat”, Sorre abre alternativas e chama nossa atenção para apreender as múltiplas formas de exploração do solo, sobretudo, na materialização dos modos de vida. Sendo a Geografia interessada em compreender o modo de vida em relação ao permanente reordenamento espacial, o habitat rural e urbano permitiriam reconstruir o processo histórico e entender as diversas formas, estruturas e os significados social e econômico das novas organizações espaciais contidas nos habitats e expressas nas paisagens ao longo da história. Por isso, o *habitat* adquire cunho representativo nas pesquisas das múltiplas interrelações sociedade-espaço e, sobretudo, da exploração da terra pela sociedade urbana e rural em curso.

Outro geógrafo que pesquisou os modos de vida foi Max Derruau. Para esse geógrafo, “La diferenciación de los modos de vida en una sociedad es, pues, de origen

social y profesional” (1964, p.128). Há, na interpretação deste autor, uma nova concepção da configuração dos modos de vida, principalmente, com a divisão internacional do trabalho.

Com essa visão, Max Derruau introduz outra noção de modo de vida na proposição de distinguir as classes sociais. Em suas análises, ele delineia uma nova tendência sobre a qual se firmaria a uniformização dos modos de vida citadinos. Para Teixeira Neto, (2003, p. 11) em estudo da obra de Pierre George, há o risco (...) como o fez Max Derruau em sua *Notion de Genre de Vie* (Noção de Gênero de Vida), de se confundir um comportamento profissional – os ferroviários, os garimpeiros, os canavieiros, os vaqueiros, de um modo geral, os pescadores da Lagoa de Patos ou catadores de castanha-do-pará – com a integração de uma atividade a uma economia das sociedades globais. Como se nota, esta concepção, simplesmente valoriza o modo de vida advindos das novas relações de trabalho e, não pelos elementos socioculturais da sociedade.

Realmente, o modo de vida de um grupo não se delineia apenas pelos aspectos econômicos, embora tenha neles a sua estrutura material de efetivação. Sobre essa perspectiva, Marx e Engels em seus manuscritos já mencionavam que:

O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que têm de reproduzir. Não se deve considerar tal modo de produção de um único ponto de vista a saber: a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se, muito mais, de uma determinada forma de atividade dos indivíduos, determinada forma de manifestar sua vida, determinado modo de vida dos mesmos (1986, p. 27).

O ponto de suma importância nesta concepção é a possibilidade de compreender as atuais singularidades e/ou particularidades que as populações originárias do Cerrado estabelecem com o mercado e com as novas territorialidades do capital nacional e internacional, aspectos que se retomará nos itens seguintes.

A ciência geográfica, entre os anos de 1940 e 1970, vivenciou várias mudanças metodológicas na observação, na descrição e na classificação de dados estatísticos.⁴ Entretanto, ocorre uma retomada destas metodologias de análise sob o viés da matemática, através de sua interpretação sistêmica, o que se consolidou pelos estudos ecossistêmicos.

Concomitantemente com o surgimento da geografia marxista, mais compromissada com as lutas sociais e políticas, os dados e os procedimentos estatísticos foram deixados de lado, mas também, a maioria dos subsídios técnicos e metodológicos da

4 Neste intervalo “a evolução da Geografia Cultural deu-se numa tentativa de utilizar os resultados da “Nova Geografia” para uma sistematização metodológica (Claval, 2002 p.19). Cabe ressaltar que o desenvolvimento científico ocorre num descompasso de tempo, entre os centros de excelência (Europa, EUA, etc.) e os centros periféricos (Brasil, África, etc.) na produção científica.

geografia tradicional. Pode-se pensar que uma parcela significativa da geografia marxista ampliou a visibilidade das contradições sociais do espaço geográfico, até então obscuras, mas, com medo de retornar ao empirismo, deixou parcialmente de estudar os modos de vida, no que concerne compreender a experiência vivida dos indivíduos e dos grupos.⁵ Assim, parece válida a importância e o desempenho da geografia crítica marxista em relação à produção, à reprodução, ao consumo, à troca, a propriedade, ao Estado, ao mercado e às classes sociais Gomes, (2000).

Pierre Gourou foi um dos responsáveis, a partir dos anos 1970, por enfatizar as influências das técnicas sociais na análise dos modos de vida na ciência Geográfica. Por outro lado, Santos (2002, p.37) afirmou que Pierre Gourou, ao dispor de uma “discussão aberta sobre o subdesenvolvimento, contribuiu completamente para falsear o debate; isto é, exerceu uma ótica de uma técnica ligada à cultura e não ao modo de produção”.

Maia (2001) sintetiza essa passagem dizendo que houve nas duas últimas contribuições da noção de gênero de vida na Geografia uma perda significativa da riqueza da concepção introduzida por La Blache e aprimorada por Max Sorre. E, a autora acrescenta:

(...) toda a riqueza dessas abordagens parece ter se perdido em alguns encaminhamentos dados por Sorre e Derruau ao tentarem, a partir daquelas formulações, analisar a sociedade moderna como um todo. Talvez esse tenha sido um dos grandes equívocos dos geógrafos, que, ao perceberem o engano de interpretação, ‘abandonam’ a discussão, destacando qualquer menção às noções gênero de vida e modo de vida. (MAIA, 2001, p. 79)

Infere-se que houve um distanciamento e o abandono pela maioria dos geógrafos (as) dos estudos a respeito dos modos de vida na ciência geográfica. Sobre esse afastamento, pode-se dizer que os principais fatores desmotivadores foram as generalizações e as simplificações das reflexões geográficas em relação às diversidades da sociedade no âmbito do espaço urbano e rural.

Paralelamente ao desenvolvimento da geografia crítica, após os anos setenta do século XX, houve a renovação de uma tendência da Geografia que enfatiza os aspectos da cultura dos indivíduos no/do espaço geográfico. Nas palavras de Claval, essa “a nova geografia cultural que deixa de ser tratada como um subdomínio da geografia humana” (CLAVAL, 2002, p. 20). O reaparecimento e, sobretudo a ênfase da cultura na Geografia mundial e/ou brasileira parece estar associado à ascensão do humanismo geográfico.

Desse período em diante, despontam os novos caminhos teóricos e metodológicos do humanismo nas abordagens geográficas. Os geógrafos passam a relevar a experiência

⁵ Ver, por exemplo: Moraes, A. C. R. Política e Cultura no debate marxista. In: __. Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988, p. 47-92.20

vivida, a inseparabilidade do sujeito e do objeto e a reconstituírem aspectos metodológicos eficazes na decodificação do mundo vivido dos indivíduos e grupos sociais.

Para Capel (1981); Mello (1990); Gomes, (1995); Silva e Galeano (2004) essa corrente está amparada no plano filosófico e pelos métodos - fenomenológico, idealismo, hermenêutico, existencialismo e no marxismo humanista. Os autores apontam para o posicionamento antipositivista, na maneira de interpretar as relações entre homem e o meio ambiente. Verificam-se, além disso, outros novos horizontes na revigoração de categorias e nas abordagens geográficas. Ou seja, a estrutura metodológica deixa de ser uma camisa de força, ganha flexibilidade em relação à nova regularidade da materialização das técnicas e, sobretudo, em relação às ebulições espaciais da sociedade capitalista.

Nesta acepção, evidencia-se a busca de caminhos para apreender os valores e os significados das ações humanas, especificamente, do(s) indivíduo(s) e do(s) grupo(s) no espaço de vivência. Isso se relaciona com o que Paul Claval expõe a respeito do propósito da geografia cultural:

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica (2002, p. 20).

A abordagem cultural na Geografia desvela um campo de análise mais eficaz na apreensão das manifestações sociais, culturais e políticas dos grupos de pessoas no espaço geográfico. Calcadas nesses princípios, existem possibilidades de (re)vigorar os estudos sobre os modos de vida e compreender as configurações socioculturais dos grupos de populações no mundo globalizado? Este questionamento faz-se ao se observar as noções de modo de vida utilizadas pela Geografia e pelas Ciências Sociais.

Juan (1995) e Maia (2001), ao trilharem os aspectos teóricos metodológicos no estudo dos modos de vida identificaram que as concepções adotadas desta categoria são empregadas na maioria das pesquisas como: hábitos próprios a um lugar; identidade de conduta em determinados grupos; condições socioeconômicas; e pelas diferenças de classes sociais. Além desses pontos, enfatizam a noção de *habitat* para expressar as variadas formas de exploração do solo. Infere-se, portanto, que há novas formas de manusear estas concepções e correlacioná-las com as noções de cultura, de ambiente para caracterizar as práticas, os usos, as obras, os valores, os signos e as representações sociais das pessoas na realidade multiforme da vida cotidiana dos lugares.

Holzer (1999, p. 165) faz questionamentos semelhantes sobre esse assunto e delinea um possível percurso a partir da apreensão dos elementos das paisagens para representar e ou mapear os modos de vida. O autor considera o seguinte:

o problema atual é de como atribuir-lhes uma constituição reconhecível, como estabelecer limites, num momento em que se globalizam as relações

intersubjetivas, em que se “deslocalizam” as relações culturais, as identidades e o imaginário, com a difusão dos meios de informação.

As relações intersubjetivas colocam o homem como produto-produtor de sua própria realidade. Porém, estas se realizam a partir da materialidade e da subjetividade contida na significação das obras e das ações humanas na paisagem vivida. O supracitado autor já dissera anteriormente que essa análise exige a retomada e “a reconstrução (teoria da estruturação) do debate possibilismo/ determinismo, tendo como matéria-prima a vida cotidiana, como é explicitada pelo *genre de vie* e pelo modo de produção”, (HOLZER 1993, p. 136).

Talvez por esse motivo tornam-se interessantes os elementos da vida cotidiana das populações originárias.⁶ Almeida (2003, 2008) fornece evidências de que o cotidiano dessas populações é o *locus* das práticas socioculturais e observá-las é desvendar o modo de vida, os recursos ambientais e a cultura daqueles que são também os criadores de potencialidades. Além disso, as práticas e o conjunto de atributos de usos no seio de uma sociedade, num determinado lugar ou espaço geográfico, pode possivelmente extrapolar a ordem imposta pela atual vida cotidiana e alcançar sua “cotidianidade”.⁷

Contudo, pode-se afirmar que o modo de vida das populações do mundo globalizado congrega na vida cotidiana as múltiplas formas de consumo de mercadorias e imagens. Há uma tendência em homogeneizar as práticas, os usos, os anseios, os valores, os ritmos, os hábitos, os costumes e, conseqüentemente, os modos de vida da sociedade contemporânea.

Diante disso, Silva (1997 p.32) assevera que:

o modo de vida da sociedade moderna produzida e reproduzida reduz-se ao imenso consumo de mercadorias. O capitalismo impõe um imenso mundo de imagens, objetos. O indivíduo consumidor, submerso, cria a ilusão de que, ao apropriar-se dos produtos, realiza todas as necessidades.

Essa imagem interfere no real nível de aviltamento das diversidades socioculturais pelo modo de produção capitalista na homogeneização das práticas e dos usos da sociedade. Tal fato não cabe discuti-lo aqui. O interessante parece ser pensar a maneira, a ordem, a diferença e a interrelação dos elementos do espaço geográfico na continuidade da vida humana, em relação à pluralidade e às singularidades de práticas e usos do mundo globalizado.⁸

6 Para Lefebvre (1978, p.86) , a vida cotidiana é também a repetição dos mesmos gestos: levantar-se pela manhã, preparar o café, sair, correr, andar, conversar (...).²²

7 Para (Silva p.33) a cotidianidade exprime não somente o cotidiano, mas a possibilidade de sua ruptura

8 Os elementos do espaço seriam os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infraestruturas, segundo Santos (1997, p.6)

Neste início do século XXI, verifica-se o reaparecimento do interesse pela abordagem dos modos de vida contemporâneos da sociedade brasileira em algumas pesquisas desenvolvidas Ramos (2001), Alves (2001), Silva (2005 e 2007), Mazzeto Silva (2009), Krone e Menasche (2010) por terem estudado os elementos e as vicissitudes presentes nos modos de vida da sociedade rural e urbana brasileira, frente às novas territorialidades do mundo globalizado. Entretanto, destes apenas Alves (2001) e Mazzeto Silva (2009) pesquisaram os modos de vida por meio dos processos de “desterritorialização” e “reterritorialização” das populações nas áreas do cerrado.

Nesse ínterim, faz-se necessário indagar dentro do conhecimento geográfico: a leitura geográfica dos modos de vida pode contribuir para a compreensão da reprodução simbólica e material das singularidades espaciais pelas pessoas e grupos socioculturais do mundo globalizado? Cabe ressaltar aqui que essa indagação nos acompanhou na análise dos modos de vida das populações originárias nas áreas de Cerrado.

As Populações Originárias do(s) Cerrado(s): o seu modo de vida em questão

Nos Cerrado(s), há pessoas, indivíduos e grupos socioculturais que vitalizam o modo de vida das populações originárias. Quando me refiro às populações originárias⁹, estou me atribuindo à diversidade sociocultural e socioespacial em que se enquadra a população rural (população do lugar) composta de agricultores, trabalhadores rurais, coletores extrativistas (raizeiras), criadores de gado e descendentes dos povos quilombolas. O modo de vida dessas comporta as peculiaridades históricas e as particularidades geográficas sobre as quais manifestam as interrelações das técnicas, da cultural e dos cerrados.

O conceito de populações originárias é semelhante a definição de Diegues (1993, p.81) quando assevera que as representações científicas das *populações tradicionais*:

comunidades tradicionais estão relacionadas com o tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela, produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato.

As populações originárias existentes no(s) cerrado(s) brasileiros aproximam-se das “comunidades tradicionais” definidas pelo autor, ou seja, são agrupamentos de pessoas com

9 Populações Originárias são compostas por pessoas e grupos de pessoas cujo seus ascendentes habitam as paisagens dos cerrados baianos mais de cinco décadas. Geralmente, são famílias que deslocaram das zonas de transição da caatinga/cerrado em períodos de intensificação das secas no semiárido. Muitas dessas famílias vieram e desenvolveram agricultura de rego nos brejos e nas inúmeras veredas dos cerrados baianos. Outras desenvolveram a pecuária tradicional sazonal entre os vales e os gerais baianos conforme a sazonalidade climática dos cerrados baianos, antes das cercas da modernização da agricultura.

relações estreitas com o meio ambiente, em que as práticas de plantio são de “consumo próprio” sob forma de trabalho familiar. Para o autor, “um dos critérios mais importantes além do modo de vida, é, sem dúvida, o reconhecer-se como pertencente àquele grupo social particular” (idem, p.88).

A opção pelo termo populações originárias surge por não concordar e, sobretudo, para contrapor-me ao senso comum o qual, geralmente, considera o termo “tradicional” como sinônimo de “atrasado”. As populações originárias do(s) cerrado(s) revelaram-se dinâmicas, versáteis e eficazes no ato de transmitir, de incorporar e de (re)constituir no seio do modo de vida as interrelações com as paisagens do(s) cerrado(s).

As interrelações das populações originárias com a paisagem e com as fitofisionomias do Cerrado são reveladoras de representações e usos diferenciados da biodiversidade. Esta forma de vivência desvela adaptabilidade das manifestações socioculturais e em que se denotam a interação entre o ser humano e a natureza. Nesta vivência aproximativa da população com este bioma, destaca-se de forma expressiva o conhecimento popular das espécies nativas sobre as quais praticam o extrativismo de frutos, folhas, raízes, entrecasca e casca, além da própria madeira para queimar, construir, cercar e comercializar.

Nesta paisagem “construída”, está a interrelação do habitante local com a natureza. A paisagem do Cerrado desta microrregião abordada nessa pesquisa ultrapassa o campo do espaço visual, centra-se naquele em que se apreende o “espaço vivido”, como conceito revelador do comportamento do grupo ou do indivíduo em determinada territorialidade.

Nessa perspectiva, “a paisagem é, muitas vezes, o lugar de encontro e de uma emoção entre o homem e a terra”, conforme Bonnemaïson, (2002, p.107).

Para Claval (2001, p.14), a paisagem traz

a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e molda para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos.

Como se vê, é por meio da análise das paisagens que é possível perceberem manifestações culturais, sociais e étnicas ganham consciência e identidade de modo coletivo nos grupos socioculturais. Assim, as populações originárias do Cerrado apresentam interrelação aproximativa, porém, diferenciada em cada fitofisionomia – Cerradão, Cerrado “*strictu sensu*”, Campo Limpo, Mata, Mata Galeria, Mata Ciliar e Veredas -, também no uso da terra e no uso dado as plantas na paisagem do cerrado goiano (RIGONATO, 2005).

Os usos das espécies nativas acontecem de acordo com o valor sociocultural e socioeconômico destas para sua sobrevivência e, sobretudo, no seu modo de vida. É nítido que em outras franjas do Cerrado brasileiro há populações originárias que também

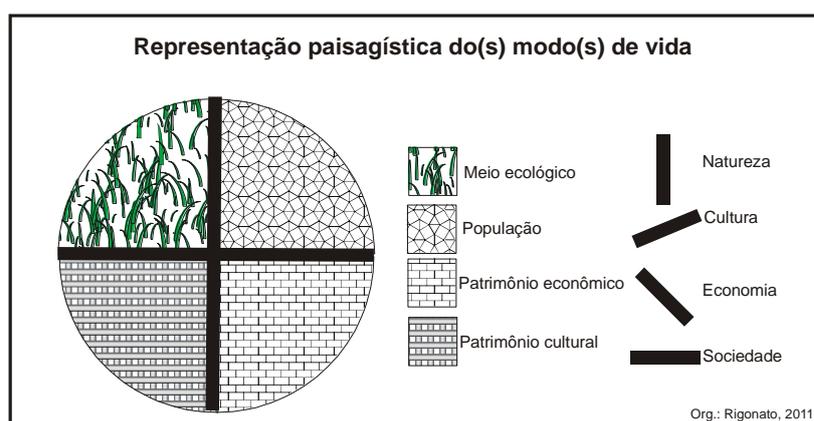
compartilham com essa vivência aproximativa com os remanescentes dessas fitofisionomias.

Assim, em pesquisas mais recentes constatamos que tanto no norte de Goiás como no norte de Minas Gerais e, principalmente no Extremo Oeste da Bahia as populações originárias usam as fitofisionomias dos cerrados para: o uso medicinal, artesanal e/ou alimentar. Tais interrelações demonstram forte conhecimento popular e, mormente, saberes ambientais com a biodiversidade do cerrado. É recorrente, nestas localidades há grupos identitários “geraizeiros e/ou cerradeiros, vazanteiros ou barranqueiros” Almeida (2008) e outros que estabelecem relações com a biodiversidade as quais os ritos de coleta, de caça ainda são influenciados pelas crenças, inclusive da influencia da lua.

Dessa forma, pode-se afirmar que as populações originárias mantêm, diante das mudanças socioeconômicas, socioculturais, do desmatamento, da erosão da biodiversidade e, principalmente, das múltiplas territorialidades do capital nos cerrado(s), relacionamentos e conhecimentos íntimos, de forma diferenciada, em cada porção deste complexo paisagístico. Os usos das espécies nativas, através de suas potencialidades, parecem auxiliar na construção dos valores socioculturais do modo de vida dos habitantes dessas áreas do(s) cerrado(s), principalmente nos cerrado(s) baiano(s).

Nas últimas décadas há no mosaico paisagístico do(s) cerrado(s) brasileiro múltiplas ebulições comandadas, sobretudo, pela maciça inserção de capitais para atender a lógica da economia globalizada neste início do século XXI. Essa inserção de capitais cria, ativa e desarticula a dinâmica espacial desse mosaico. Assim, no seio dessas transformações há territorialidades do agronegócio: a produção de energia elétrica, do biodiesel, construção de termoeletricas e a mineração moderna. Assim, são nas interfaces das paisagens tecnificadas do(s) cerrado(s) que se encontram as populações originárias com os seus modos de vida mistos, sobrepostos e justapostos com essas territorialidades.

De modo geral, pode se apontar que esses modos de vida ainda são aprendidos nessas paisagens geográficas, tais como pode ser visualizados na figura abaixo:



Como se vê na figura acima, o(s) modo(s) de vida das populações originárias do(s) cerrado(s) se estabelece no conjunto de fixos espaciais (a própria população, meio ecológico, patrimônio econômico e cultural) os quais são os sustentáculos espaciais para a gestão dos lugares de vivência. Entretanto, são por meio da estabilidade dos fluxos, no domínio dos elementos técnicos, nas manifestações culturais, no ritmo de trabalho, no conjunto de crenças, ritos e, sobretudo, no itinerário geográfico do grupo que consolida as configurações dos modos de vida contemporâneos do século XXI.

No caso específico das áreas de Cerrado, os modos de vida das populações originárias encontram-se nas diversas franjas dos cerrado(s) no Estado de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e outros. Cabe ressaltar aqui que o enfoque é para as populações da mesorregião do extremo Oeste da Bahia. Essas franjas são áreas de remanescentes das paisagens naturais do(s) cerrado(s) as quais essas populações estabelecem um vínculo de “(re)existência” diante da (re)apropriação social do(s) cerrado(s).

Nesses lugares, encontram-se grupos de pessoas que compartilham com as seguintes manifestações espaciais os quais são importantes para analisar os seus modos de vida, tais como:

A interrelação: grupos estabelecem a partir do conhecimento popular com o(s) cerrado(s) brasileiro enquanto possibilidade de sobrevivência e, também da gestão da sua própria biodiversidade por meio dos valores socioculturais.

Sociabilidade: as paisagens e os lugares sejam de memória, ou lugares de efetivação da vida há solidariedade nas relações de trabalho, nas manifestações festivas as quais conseguem aglomerar uma “arte de fazer” (CERTEAU, 1994) que muitas vezes ainda é própria do grupo e congrega tanto as potencialidades naturais como as culturais dos lugares de materialização do modo de vida. No entanto, nota-se inclusive uma habilidade, um malabarismo e uma dinâmica nas relações sociais cotidianas capazes de jogar tanto com as territorialidades locais como globais. Redes sociais; tamanho, conectividade, padrões de sociabilidade.

(Re)naturalização: tentativa de (re)construir os laços identitários com a biodiversidade, inclusive nota-se uma pequena parcela de pessoas retornando e construindo casas, “dupla-moradia” (RIGONATO, 2005) nas áreas das franjas do(s) Cerrado(s). Alia-se a essa tendência um processo de migração de retorno das regiões metropolitanas, do “urbano-urbano, urbano-rural, rural-rural”

(GOLGHER; MARQUES, 2006) na qual as pessoas buscam o (re)encontro com as paisagens vividas outrora e/ou simplesmente na procura de se (re)aproximarem das paisagens naturais. É importante frisar que em muitos lugares nota-se inclusive impactos ambientais provocados por essas pessoas nas áreas de consideradas legalmente enquanto áreas de preservação permanentes do(s) Cerrado(s).

(Re)terreação: há grupos organizados em rede com o propósito de lutar inclusive na lei para garantir o uso coletivo e, principalmente, o livre acesso as áreas de remanescentes de cerrado(s) - aqui chamadas de franjas - na tentativa de romper com as barreiras das propriedades privadas. Por exemplo: há uma rede de agroextrativistas com 217 núcleos comunitários organizados em rede que buscam novas formas de uso e ocupação da biodiversidade do(s) cerrados brasileiros, (SILVIA; PORTO-GONÇALVES, 2011)

De modo geral, acredita-se que os elementos acima caracterizados permeiam a consolidação dos modos de vida das populações originárias do(s) cerrados brasileiro. Esses modos de vida são mistos, justapostos e sobrepostos ao longo do tempo e do espaço. Tal configuração consolida como “itinerários de lugares” os quais muitas vezes podem revelar a trajetória de vivência do grupo social das populações originárias do(s) cerrado(s) brasileiros. Os usos e abusos da biodiversidade do(s) cerrado(s) brasileiros são ameaças constantes para a (re)existência e persistência dessas populações e, mormente, de seus modos de vida. Diante dessa realidade, nota-se que os modos de vida possuem territorialidades sobrepostas, justapostas e interpostas com outros modos de vida os quais são capitaneados pelas relações de trabalho e pelas forças produtivas da modernização da agricultura, no(s) cerrado(s). Enfim, ainda não se sabe se essas territorialidades dos modos de vida, suas manifestações espaciais das populações originárias do(s) cerrado(s) e se elas mesmas terão o controle de sua autonomia espacial.

Considerações finais

Sem maiores discussões, esse texto apresentou discussões a cerca da análise geográfica dos modos de vida das populações originárias no/do(s) cerrado(s). Assim, busquei de acordo com o meu itinerário geográfico pelas as áreas de Cerrado compreender os valores socioculturais, as interrelações dessas populações - ser humano, o homem, mulher, criança, jovens e adolescentes- com as paisagens geoecológicas do Cerrado em relação às novas territorialidades criadas pela globalização e resgatar a categoria

gênero de vida à luz da ciência geográfica contemporânea, a fim de interpretar a realidade vivida pelas populações originárias no(s) cerrado(s) baiano(s).

- Conhecimento popular da biodiversidade, sobretudo, nas fitofisionomias de Cerrado constitui o valor sociocultural atribuído pelas pessoas e grupos sociais. Este significado está ligado à sobrevivência da própria família e do grupo social no “lugar-mundo” de vivência e/ou sobrevivência;
- O modo de vida das populações originárias contempla a vida cotidiana, as manifestações socioculturais, a interrelação com os cerrados brasileiros, bem como a condição socioeconômica dos indivíduos ou grupos sociais no “lugar-mundo” de vivência e/ou sobrevivência;
- As populações originárias veem reelaborando seus valores, costumes, anseios e tradições numa junção entre as representações e símbolos do mundo tradicional e do moderno.

Em síntese, o(s) modo(s) de vida das populações originárias do(s) Cerrado(s) se estabelece no conjunto de fixos e de fluxos espaciais elementos identitários com as paisagens e lugares-mundo vivido nos cerrados brasileiros. Esses elementos são: as populações originárias, meio ecológico dos cerrados, patrimônio econômico e cultural contido nas paisagens repletas signos, significados, representações sociais que constituem os valores socioculturais das mesmas. Os seus lugares de vivência são marcados pela interrelação simbiótica dos valores socioculturais e das formas de uso dos Cerrado(s) brasileiros pelas populações originárias diante das novas territorialidades do capital globalizado, mormente, do agronegócio.

The way of life of populations originating in (s) Cerrados (s) Bahia

Abstract: The article is taken from a reflection of geographical science that aims to discuss the category either way of life along the geographical thought, especially Brazil. Furthermore, discusses the concept of traditional population in context with the areas territorialities Cerrados(s) baiano(s). Points out some elements of identity which these populations live and survive mostly on the fringes of the Cerrados(s) landscape (s) and establish their livelihoods mixed, superimposed and juxtaposed with the territoriality of the globalized economy.

Key words: lifestyle. Cerrados. Traditional originating.

Referencias

ALMEIDA, M.G. Cultura Ecológica e biodiversidade. **Mercator**: revista de Geografia da UFC. Fortaleza, CE, ano 01, n 03, jun./jul.,p.71-82. 2003

_____. Uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. In: SERPA, A. (Org.) **Espaços Culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA. p. 313-338. 2008

ALVES, V. E. L. Modernização Agropecuária, Ruptura e Permanência do Modo de Vida Camponês nos Cerrado do Sul do Piauí. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 77, São Paulo, p. 7 - 28.

BERNADES, N. O pensamento geográfico tradicional. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n 44(3) p 391-412 jul./set 1982. 2001

BONNEIMASON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: UERJ, p. 83-132. 2002

CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la geografia contemporanea**, Barcanova, Barcelona. 1981

CLAVAL, P. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, E. I., GOMES, P. C. C. da. CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações Geográficas - percursos no fim do século**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, p. 89-117. 1997

_____. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2ª ed. Florianópolis: UFCS, p. 453. Lá Géographie Culturelle. 2001

_____. "A volta do cultural" na Geografia. **Mercator: revista de Geografia da UFC**. Fortaleza, CE, ano 01, n 01, p. 19-28. 2002

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes. 1994

CORRÊA, Roberto. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1997

DERREOU, Max. **Geografia Humana**. v.2.Lisboa: Presença. 1973

DIEGUES, Antônio C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo.: Hucitec. 1993

GOMES, P.C. O conceito de Região e sua discussão. In: CASTRO, I. de.; GOMES, P.C.; CORRÊA, L. **Geografia Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil. 1995

_____. **Geografia e Modernidade**. Rio de janeiro: Bertrand Brasil. 2000

GOLGHER, A. B.; MARQUES, D. H. F. **A migração urbano/urbano, rural/urbano, urbano/rural e rural/rural no Brasil**: a busca de padrões e de diferenças – implicações para a pobreza rural. XV encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu- MG – Brasil. http://abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno_id=028&busca=Pesquisar&palavraChave=GOLGHER&listaCADERNOS=028&x=4&y=13 Acesso em: 19/10/2012. 2006

HOLZER, W. (1993) A geografia humanística anglo-saxônica – de suas origens aos ano 90. **Revista Brasileira de Geografia**. IBGE, Rio de Janeiro, 55 (1/4):109-146, Jan/dez.

_____, Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o futuro Geográfico. In: Rosendahl, Z.; Corrêa, R.L.(Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro, UERJ, p. 149-168. 1999

JUAN, S. **Os Níveis de Análise Sociológica dos Sistemas de Representação e Práticas** **Revista de Estudos Urbanos e Regionais**, Porto, n.21 (Sub) urbanismo e modo de vida. 1995

KRONE, E. E.; MENASCHE, R. Identidade e cultura nos campos de cima da serra (rs): práticas, saberes e modos de vida de pecuaristas familiares produtores do Queijo Serrano. **Revista Ateliê Geográfico**. V.4 n.2, p. 61-85. 2010

LACASCADE, Jean-Louis. Réémergences actuelles du thème des modes de vie. In: **Réseau modes de vie**. Paris, CNRS, p. 147-204. 1984

LA BLACHE, Vidal. L. de. **Princípios de Geografia Humana**. Tradução de Fernandes Martins. 2ª Ed. Lisboa Portugal. Ed. Cosmo. Principes de Géographie Humaine. 1954

MAIA, D. **Geografia e o estudo dos costumes e das tradições**. Terra Livre. São Paulo, n.16, p. 71-98. 2001

_____. **Tempos lentos na cidade: Permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa - PB.** Tese (Doutorado) FFLCH-GE – Universidade de São Paulo USP, São Paulo. 2000

_____. A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades. In: ALMEIDA, G. de. MAIA, Carlos. E. S. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares. Proposições sobre Festas Brasileiras. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Org.) **Manifestações da Cultura no Espaço.** Rio de Janeiro: Editora da UERJ. 1999

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia Alemã.** São Paulo: Editora Hucitec. 1986

MAZZETTO, S, C. E. **Ordenamento Territorial no Cerrado brasileiro: da fronteira monocultora a modelos baseados na sociobiodiversidade.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 19, p. 89-109. 2009

MELLO, João B. Geografia Humanística: A perspectiva da experiência vivida e um crítica radical do positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, n.52(4). p. 91-115. 1990

MORREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto. 2010

MORAIS, A. C. R. **Ideologias Geográficas.** São Paulo: Hucitec. 1996

NETO, Antônio T. Geografia: uma só cara e muitas caretas. **Contribuições 11.** Universidade Católica de Goiás. Instituto do Trópico Subúmido. Goiânia. 2002

RIGONATO, V. D. **O modo de vida das populações tradicionais e a inter-relação com o cerrado da microrregião da Chapada dos Veadeiros:** o distrito de Vila Borba. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. 2005

SANTOS, M. **Espaço e Método.** São Paulo: Hucitec. 1997

SILVA, Ana C.. M. O Cotidiano na perspectiva dos ritmos. **GEOUSP:** revista da pós-graduação em Geografia, São Paulo, n.2, p. 31-34. 1997

SILVA, A.C. **Geografia e lugar social.** São Paulo: Contexto. 1991

SILVA, A. A. D. da. GALENO, A. (Orgs.) **Geografia Ciência do Complexus:** Ensaio Transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina. 2004

SILVA, A. K.; PORTO-GONÇALVES, C. W. **Territórios em Rede:** a criatividade político-cultural dos Povos do Cerrado. <http://www.emporiocerrado.org.br/pt-br/documentos/> Acesso: 26/05/2011. 2011

SILVA, J. C. . O Mito e as crenças Como Constiuintes do Espaço Ribeirinho na Formação do Modo de Vida Amazônico. In: Salete Kozel; Josué da Costa Silva; Sylvio Fausto Gil Filho. (Org.). **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista.** Porto Velho: EDUFRO. 2007

SILVA, J. C. . O modo de vida ribeirinho na Amazônia. In: UNIVERSITÉ LUMIÈRE. (Org.). TEXTURES Cahiers du CEMIA n° 16 ACTES du **COLLOQUE INTERNACIONAL. TEXTURES** Cahiers du CEMIA n° 16 ACTES du COLLOQUE INTERNACIONAL. 16ed.LIYON - FRANÇA: UNIVERSITÉ LUMIÈRE LYON, 2005, v. 1, p. 43-53. 2005

SORRE, Max. Les Fondements de la géographie humaine. Tome III, L'Habitat. Paris: Librairie Armand Colin. 1952

_____. Geografia. Tradução. Januário Francisco Megale; Maria Cecília França e Moacir Marques. São Paulo: Ática. 1984

SOBRE O AUTOR

VALNEY DIAS RIGONATO - Licenciado, Mestre e Doutorando em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG. Atualmente é professor do curso de Geografia no Centro das Humanidades na Universidade Federal do Oeste da Bahia UFOB. Barreiras, Bahia, Brasil.

Recebido para avaliação em Outubro de 2014
Aceito para publicação em Dezembro de 2014